

LITERATURA ÉTNICA

Régia Mabel da Silva Freitas¹

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.

(Clarice Lispector)

O ensaio *Relações Étnico-Raciais na Educação e a Literatura Infanto-juvenil*: nas veredas da Lei Federal 10.639/03 (?!), redigido pela Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestre em Educação (UNEB), Doutoranda em Literatura e Cultura (UFPB) e Pesquisadora de Relações Étnico-Raciais Maria Anória Oliveira, é um convite de diálogo contínuo com o leitor para instigá-lo a buscar uma educação antirracista no contexto escolar.

Através de um estilo original, escrito em primeira pessoa, o que permite um diálogo direto com os interlocutores (educadores, em geral), com capítulos concisos e bastante objetivos, este ensaio contribui efetivamente para a práxis pedagógica, uma vez que oportuniza aos docentes uma reflexão sobre a busca por uma educação pluricultural. Sem a pretensão de concluir, mas de ampliar informações durante todo o percurso, ele envereda por duas searas: a prática educacional e a literária.

Na *Introdução: delineando o nosso caminhar...*, a autora enfatiza, utilizando poucas palavras, a sua perspectiva ideológica, pautada na área de Educação, Literatura e Ciências Sociais, com enfoque nas relações étnico-raciais, e apresenta a sua fundamentação teórica nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e nos autores Sônia Salomão Khéde e Antônio Cândido.

Em *Lei Federal 10.639/03 e o contexto escolar: duas questões cruciais*, ela reconhece a importância da implementação da lei supracitada, em meio ao eurocentrismo curricular, como uma conquista dos movimentos negros, mas salienta dois obstáculos que devem ser enfrentados para a viabilização desta conquista: a formação docente e a parca publicação e/ou divulgação de materiais didáticos e/ou literários.

Ainda neste capítulo, a ensaísta apresenta alguns questionamentos ao leitor como reflexões instigantes para identificar problemas e sinalizar perspectivas para saná-los. Após esses questionamentos, ela considera plausível compartilhar a sua fundamentação teórica: “colocações de profissionais com os quais venho atuando nos últimos anos” (2006, p.

¹ Mestranda em Políticas Sociais e Cidadania (UCSal), pesquisadora de relações étnico-raciais no GAPPS (Gestão e Avaliação de Políticas e Projetos Sociais) e no NPEJI (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Juventudes, Identidades e Cidadania), ambos da UCSal.



284) e salienta, enfaticamente, o papel docente face à educação antirracista: “o nosso papel (trans)formador de opiniões...” (2006, p. 285).

Espaço escolar: (des)informação do educador/ (de)formação do ser negro traz à baila situações vivenciadas por educadores baianos com os quais a autora conviveu, a saber: os educadores criticam a inexistência e/ou escassez de livros literários com personagens negras nas escolas; os próprios alunos, na seleção de representantes para os papéis de heróis, príncipes, fadas, anjos etc. escolhiam conforme o padrão de beleza europeu e os colegas negros só eram indicados para os representantes do mal, como bruxas, antagonistas etc.; um aluno de quatro anos se recusou a pegar na mão do colega negro com nojo e medo de que soltaria tinta e o sujaria; uma filha de uma docente pediu à mãe que cortasse a sua cabeça e a substituísse por uma nova com cabelos lisos.

Certamente, esses relatos, muito bem selecionados, contextualizam e justificam a necessidade e urgência de repensar a práxis pedagógica, uma vez que a postura discriminatória discente reproduz o que é exposto também pela literatura. Se nos livros há estereotipia e depreciação do negro, cabe à escola não fortalecer a tendência racista tão corriqueira e não contribuir para a política ideológica do branqueamento tão arraigada nesta sociedade hegemônica e eurocêntrica.

No capítulo *Educação antirracista: desvelando um novo olhar*, a autora elenca várias produções acadêmicas, imprescindíveis e relevantes para leitura e pesquisa dos educadores, para que tentem modificar a visão preconceituosa e eurocêntrica da literatura no contexto escolar. Elas “são obras que se complementam, que lançam luzes para o nosso olhar em direção à educação antirracista, pluricultural. Logo estão a meu ver, em consonância com as veredas da Lei 10.639/03” (2006, p.287).

A partir de *Educação antirracista nas veredas literárias: a tessitura dos personagens negros*, a ensaísta envereda pela seara literária. Inicialmente, expressa uma provocação em forma de questionamento sobre a escassez, no mercado livresco, de publicações de qualidade crítica e teórica sob o viés das relações étnico-raciais. Em seguida, elucida o conceito do ser personagem através de Abdala Júnior “ser de papel, e não um indivíduo de carne e osso” e An-

tônio Cândido “o romance se baseia num tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste” (2006).

Destarte, afirma que “o personagem de ficção ganha ‘vida’ no imaginário do leitor, o qual vivencia suas emoções, sensações, conflitos existenciais, morais étnico-raciais, socioeconômicos etc.” (2006, p. 288). Para finalizar o capítulo, sugere que o leitor, através de uma viagem imaginária, relembre as características físicas e psicológicas das personagens dos contos de fada. Além disso, ratifica a necessidade da escolha de narrativas que contribuam para a afirmação da identidade étnico-racial isentas de visões negativas e estereotípias para indicar às crianças e aos jovens.

Citando seu outro ensaio *Relações étnico-raciais e a tessitura literária inovadora em A cor da Ternura*, Maria Anória Oliveira (2006, p. 290) reverbera:

O preconceito racial é perceptível na medida em que valoriza o grupo étnico-racial branco em detrimento do negro, o qual é preterido nas obras ou, então, tecido nas narrativas sem nome, animalizado, exercendo atividades de serviçais, sendo desqualificado, haja vista a sua associação a personagens maus, à sujeira, à tragédia, além de ter um acabamento “ficcional” inferior em relação aos personagens brancos, no que tange à origem geográfica, a religião e a “situação familiar e conjugal”.

Partindo do pressuposto de que a literatura pode corroborar com ideais racistas e preconceituosos a depender de como se tecem as suas personagens, a ensaísta apresenta passagens e críticas a uma obra que se diferencia das produções dos anos 80 pela inovação e singularidade poética, *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, a saber: identificação como princesa negra, escolha de uma profissão considerada prestigiada socialmente (professora), o espaço social e a origem familiar são humildes e repletos de amor e atenção, a personagem é protagonista, tem nome e não recebe apelidos depreciativos.

Em *Considerações finais: (in)conclusão...*, a autora ratifica a referência positiva da obra *A cor da ternura* pela (re)construção de uma identidade positiva do ser negro e enumera outras editoras e publicações da literatura infanto-juvenil que considera “parcei-

ras”, por enveredarem pela história das relações étnico-raciais. Com isso, reafirma a sua tese inicial da necessidade de uma análise criteriosa e atenta das obras literárias com as quais os docentes trabalharão em suas salas de aula.

Enfim, este ensaio traz inúmeras ideias criativas e originais já que convida os leitores a não silenciarem, reverem as suas posturas diante das situações discriminatórias para não reforçarem estereótipos, nem fazerem violência simbólica através de associações de caráter negativo no ambiente educacional. A sugestão é formação docente especializada, seleção criteriosa de materiais pedagógicos e promoção de debates e reflexões com as crianças e os jovens negros e não negros para não perpetuar a visão preconceituosa e eurocêntrica.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Relações Étnico-Raciais na Educação e a Literatura Infanto-juvenil: nas veredas da Lei Federal 10.639/03 (?!). In: LINS, Juarez Nogueira et al. (Orgs.). *Linguagem e discussões culturais*. João Pessoa, PB; Ed. dos Organizadores, 2006. p. 283-303.

